



**Jornal Negócios**

19-04-2012

**Periodicidade:** Diário

**Classe:** Economia/Neócios

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 18239

**Temática:** Internacional

**Dimensão:** 1491

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 1/6 e 7

# EVITA DE FERRO

## O regresso do nacionalismo

- **Cristina Kirchner** nacionalizou a Repsol. Os custos vêm depois
- **Argentina já é** o terceiro país mais arriscado do mundo

Primeira Linha 6 a 10

Cristina Kirchner | A 2 de Abril lançou flores na baía de Ushuaia, em homenagem aos soldados argentinos que morreram na guerra das Maldivas.

## ARGENTINA DEBAIXO DOS HOLOFOTES

# Nacionalizar até é fácil. Os custos vêm depois

Há que indemnizar os expropriados. Mais do que o custo financeiro, a nacionalização tem impactos comerciais e políticos

ALEXANDRA MACHADO amachado@negocios.pt

Numa altura em que foi reacendida a disputa pelo território britânico das Malvinas, que a Argentina reclama, o país presidido por Cristina Kirchner envolve-se noutra batalha internacional, quando se esperaria que tentasse amealhar aliados. Agora, dificilmente terá Espanha ao seu lado, depois da nacionalização da participação da espanhola Repsol na argentina YPF.

Em Buenos Aires, a 3 de Outubro de 1991, era assinado o Acordo para a Promoção e Protecção Recíproca de Investimentos entre a Argentina e Espanha. Nele prevê-se a nacionalização ou expropriação "exclusivamente" por "utilidade pública" e "em nenhum caso deverá ser discriminatória". E no acordo prevê-se, tal como no direito internacional, que a parte a quem sejam retirados activos seja compensada, "sem demora injustificada", com uma indemnização "adequada, em moeda convertível". Nas resoluções das Nações Unidas fala-se numa indemnização "pronta, integral e efectiva". As próprias Nações Unidas admitem a soberania permanente dos Estados sobre os seus recursos naturais. Neste processo, a Argentina reclama interesse público na nacionalização.

O advogado Sérvulo Correia - que salienta ser este um caso de nacionalização e não de expropriação, uma vez que embora a Repsol tenha uma empresa na Argentina é de estrangeiros - diz "não haver grandes dúvidas que os Estados têm poderes para nacionalizar". Mas há os requisitos de validade.

## Histórico argentino

A Argentina tem histórico nestes processos. Em 2008, a Aerolíneas Argentina foi estatizada. Envolvida em dívidas avultadas, estava em risco de fechar. A Argentina interveio e o Grupo Marsans ficou ser a companhia.

Em 1997 a empresa de águas de

Aconquija, detida pela Vivendi, foi nacionalizada. O caso chegou ao Centro Internacional para Arbitragem de Disputas sobre Investimentos (CIADI ou na sigla anglosaxónica ICSID) que decidiu, 10 anos depois, pelo pagamento de uma indemnização de 105 milhões de dólares à Vivendi.

Muitos dos casos de nacionalização dos Estados contra privados vão parar ao CIADI, na dependência do Banco Mundial. A Argentina está envolvida em 25% dos casos e em metade dos que envolvem países da América Latina.

Sérvulo Correia lembra que a jurisprudência deste organismo aponta para decisões mais favoráveis aos interesses privados. Mas Agostinho Pereira de Miranda, advogado especializado no sector da energia, lembrou ao **Negócios** que a Argentina tem histórico nestes processos e casuísticos experientes. Os números: o procurador-geral da República tem 120 advogados a tratarem destes processos e a Argentina já conta com cerca de 60 arbitragens deste tipo.

## A questão da indemnização

O acordo bilateral entre Espanha e Argentina admite o recurso a entidade arbitral internacional, mas só depois de tentativa de acordo entre as partes. Dificilmente, neste caso, será conseguido. O presidente da Repsol, António Bufrá, disse pretender uma indemnização de oito mil milhões de euros. A Argentina já disse não pagar. A Repsol alega que as notícias de que Cristina Kirchner pretendia nacionalizar a YPF corriam há algum tempo, com o objectivo de fazer baixar o valor da empresa.

Cristina Kirchner justificou a nacionalização da companhia petrolífera com o interesse público, dizendo que a Repsol não estava a investir no país, nomeadamente na produção e, por isso, a Argentina vê-se obrigada a importar mais

**A Comissão Europeia apela ao Governo da Argentina que respeite as suas obrigações internacionais de protecção de investimentos.**

ANTONIO TAJANI

Vice-presidente

da Comissão Europeia

estes recursos petrolíferos, o que levou ao défice da balança energética, o que aconteceu pela primeira vez em 17 anos. No entanto, Agostinho Pereira de Miranda lembra que os campos de gás e petróleo argentinos chegaram ao declínio natural, com a produção a cair 7% ao ano. Não obstante ter sido descoberta uma reserva, Vaca Muerta, que se diz ser grande.

## Retaliações difíceis

A guerra está lançada. Espanha, via fontes anónimas, já fala em retaliações comerciais, mas, como é lembrado na imprensa internacional, tem mais a perder do que a ganhar. Há muitas empresas espanholas com posições fortes na Argentina que, aliás, já ameaçou estender estes processos a outros sectores. Além disso está "atada" à União Europeia. Ainda assim, a Argentina também tem a perder. Os investidores internacionais desconfiam agora do governo de Kirchner que os afastou. E será que não vai precisar deles?



Manifestações | Cristina Kirchner nacionalizou a Repsol. Os argentinos saíram à rua.

